



*Galvêas considera impraticáveis as idéias da Fiesp para baixar os juros. Ikeda acha que a indústria já se recupera, mesmo com os juros altos.*

## **Galvêas prevê 5% de inflação para fevereiro e março**

A inflação nestes três primeiros meses do ano ficará entre 5 e 5,5%, bem acima portanto dos 3,8% registrados em dezembro. A previsão foi feita ontem em Brasília pelo ministro da Fazenda, Ernesto Galvêas, ao antecipar que, no mesmo período, deverá ocorrer um aumento excessivo da base monetária em consequência da forte expansão verificada no final do ano passado.

Galvêas observou, contudo, que "isto não prejudica em nada o programa econômico traçado para 1982". Lembrou que o fenômeno expansionista é sazonal; no início de cada ano, muitos preços são remarcados e o governo também promove reajustes importantes. O crescimento dos meios de pagamento e da base monetária, e o aumento dos índices inflacionários deverão, no entanto, retornar a níveis mais baixos a partir do segundo trimestre. O ministro acrescentou que as eleições de novembro não deverão prejudicar o controle monetário pois as metas do governo já estão fixadas.

### **Queda nos juros**

Apesar da disposição do presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, de manter, neste ano, a mesma política econômica que vigorou em 1981, o ministro da Fazenda não acha impossível esperar que a taxa de juros internacionais caia para 12%. Segundo ele, isto será uma decorrência natural da "taxa de inflação que está caindo em todo o mundo". Ressaltou, ainda, o fato de a Libor (taxa interbancária do mercado londrino) já estar em patamares próximos a esse número, ao redor de 13 e 14%.

Com relação à taxa mundial de inflação, o ministro da Fazenda acredita que os índices recuem para bem menos dos 10% observados atualmente, contra os 12% verificados em 1981. Essa redução, no entender de Galvêas, poderá contribuir para a retomada dos investimentos internacionais. Ele acha que nos Estados Unidos isto será mais fácil, pois o governo diminuiu sensivelmente os impostos das empresas e também das pessoas físicas. Na Europa, o reaquecimento das atividades econômicas dependerá da capacidade ociosa. Comportamento semelhante deverá ser observado no Brasil, onde as indústrias tentarão utilizar sua capacidade ociosa, cuja média, segundo a Fundação Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (FIBGE), é de 27%.

### **Banco Mundial**

O ministro sugeriu que o Banco Mundial suspenda a idéia de colocar em prática a sistemática da "graduação" na concessão de seus empréstimos até, pelo menos, os países pobres e em desenvolvimento resolverem seus problemas de balanço de pagamentos e se ajustarem à nova ordem energética.

Para o ministro da Fazenda, que considera a proposta uma "obsessão" do banco, "a solução não é nivelar por baixo, mas mobilizar recursos para atender às necessidades dos países menos desenvolvidos, com o Bird reciclando os petrodólares". Segundo Galvêas, os empréstimos do Banco Mundial, em termos quantitativos, não são muito importantes, mas no aspecto qualitativo eles são extremamente necessários para países menos adiantados, pois nenhuma instituição financeira internacional dá créditos com prazos de 15 a 20 anos e cobra juros de 7 a 10% ao ano, como faz o Bird.

A idéia da "graduação" de acordo com Galvêas, está em vigor desde 1970, pois a Espanha, a Nova Zelândia e a Grécia, que antes eram contempladas com empréstimos, hoje não são mais. Galvêas disse que a proposta de "diplomacia" dos países com rendas superiores a 2.650 dólares é consequência da política norte-americana de não fazer mais repasses ao Banco Mundial.

### **A viagem**

O ministro fará uma conferência, no próximo dia 5 de fevereiro, em Zurique, para industriais europeus, quando falará sobre a evolução da economia nacional e as perspectivas para a década de 1980, relacionando os projetos brasileiros que precisam de investimentos, como Carajás, e aqueles em que o governo aceita cooperação estrangeira.

Além dessa reunião, Galvêas, que vai à Suíça para participar do seminário do European Management Forum, manterá encontros com outros empresários europeus na cidade de Davos, onde se realizará o congresso, e autoridades suíças. Manterá, também, em Zurique, encontros reservados com os dirigentes dos três maiores bancos da Suíça (União de Bancos Suíços, Banco Social Suíço e Banco de Crédito Suíço).

## **A França quer que os EUA baixem juros**

O presidente francês François Mitterrand pedirá ao presidente norte-americano Ronald Reagan que baixe as taxas de juros para estimular o crescimento econômico e ajudar a resolver o crescente desemprego no Ocidente, ao que informaram ontem em Paris fontes diplomáticas.

O pedido será feito por ocasião da reunião de cúpula dos líderes dos sete principais países industrializados do bloco não-comunista, a realizar-se entre 4 e 6 de junho na França. Na reunião de cúpula anterior, em Ottawa, em julho de 1981, os EUA desconsideraram igual pedido.